

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TUTTO FELLINI!
A Cinemateca com a 13ª Festa do Cinema Italiano
7 e 21 de novembro de 2020

BOCCACCIO 70 / 1961 (*Boccaccio 70*)

um filme de Mario Monicelli, Federico Fellini,
Luchino Visconti e Vittorio De Sica

Episódio *Renzo e Luciana*: **Realização:** Mario Monicelli / **Argumento:** Monicelli, Suso Cecchi d'Amico, Giovanni Arpino e Ítalo Calvino, baseado no conto "L'Avventura di due Sposi", de Calvino / **Director de Fotografia (Technicolor):** Armando Nannuzzi / **Cenários:** Piero Gherardi / **Montagem:** Adriana Novelli / **Música:** Piero Umiliani / **Interpretação:** Marisa Solinas (Luciana), Germano Giglioli (Renzo) e actores não profissionais.

Episódio *La Tentazione del Dr. Antonio*: **Realização:** Federico Fellini / **Argumento:** Federico Fellini, Ennio Flaiano, Tulio Pinelli, com a colaboração de Goffredo Parise e Brunello Rondi, baseado numa ideia de Cesare Zavattini / **Director de Fotografia (Technicolor):** Otello Martelli / **Cenários:** Piero Zuffi / **Montagem:** Leo Catozzo / **Música:** Nino Rota / **Interpretação:** Anita Ekberg (Anita), Peppino De Filippo (Dr. Antonio), António Acqua (Monsenhor), Donatelle Nora (a irmã de Antonio), Monique Berger.

Episódio *Il Lavoro*: **Realização:** Luchino Visconti / **Argumento:** Luchino Visconti e Suso Cecchi d'Amico, baseado na novela "Au Bord du Lit" de Guy de Maupassant / **Director de Fotografia (Technicolor):** Giuseppe Rotunno / **Montagem:** Mario Serandei / **Cenários:** Mario Garbuglia / **Música:** Nino Rota / **Interpretação:** Romy Scheinder (Peppe), Tomas Milian (Conde Ottavio), Paolo Stoppa e Romolo Valli.

Episódio *La Rifa*: **Realização:** Vittorio De Sica / **Argumento:** Cesare Zavattini / **Director de Fotografia (Technicolor):** Otello Martelli / **Montagem:** Adriana Novelli / **Música:** Armando Trovajoli / **Interpretação:** Sophia Loren (Zoe), Luigi Giuliani (Galtano), Alfio Vita (Cuspet).

Produção: Carlo Ponti e Antonio Cervi para a Concordia / Cineriz / Poncinex / Gray Film / **Cópia:** Digital, cor, legendado em inglês e electronicamente em português, 204 minutos / **Estreia Mundial:** Festival de Cannes, a 8 de Maio de 1962 / **Estreia em Portugal:** Lisboa (cinema Monumental), em 22 de Novembro de 1977.

Boccaccio 70 teve um papel relevante no cinema italiano dos anos 60 e os seus efeitos na crítica da época dão conta de que não foi à época, um filme anódino. Projecto calculado, o seu master mind foi o produtor Carlo Ponti (sem negligenciar o peso do distribuidor para os E.U.A., Joseph Levine) cuja interferência e controlo se pode medir por esta simples decisão: foi ele que cortou o episódio de Monicelli intitulado **Renzo e Luciana**, que abre o filme, mas que vamos ver nesta. Motivo: o tempo excessivo do filme. O espectador que procure ritmas internas verá que o episódio de Monicelli se cruza, pelo "realismo" com o de Visconti, ao passo que o de Fellini rima com o De Sica, na exacta medida em que ambos se deixam

impregnar por uma fantasia mais ou menos acentuada. Esta simetria, que estrutura **Boccaccio 70**, torna ainda mais lamentável a supressão, à época, do episódio de Monicelli, ainda que os quatro episódios totalizem três horas e vinte e cinco minutos, o que, inegavelmente, não é pouco. Incluído na programação do Festival de Cannes, amputado do episódio de Monicelli, a sua exibição gerou o protesto dos outros três realizadores que se recusaram a ir a Cannes.

Mas, agora que já fomos a Cannes e voltámos, falemos de **Boccaccio 70**. Recuperando o espírito satírico e a cor eróticos dos contos que Boccaccio escreveu em tempos de peste, e transpondo-o para os anos 60, do século passado, o produtor Carlo Ponti foi buscar realizadores e vedetas que preenchessem os requisitos necessários para seduzir público e encher salas: homem do mundo como era, juntou aos mais redondos atributos comerciais (pense-se em Sophia Loren ou Anita Ekberg) os mais agudos atributos culturais (Monicelli, Fellini, Visconti, De Sica). Mais ainda, e para quem tenha boa memória e se lembre, o filme voltava a reunir "pares" que ainda recentemente tinham protagonizado outras longas-metragens: Fellini/Ekberg em **La Dolce Vita** e De Sica/Loren em **La Ciociara**. Acresce que Visconti já trabalhara com Romy Schneider em teatro e a transfigurara. Diz a lenda que Visconti lhe rasgou as roupas prosaicas com que lhe apareceu e a cobriu com modelos de alta costura, io que **Boccaccio 70 confirma**: ela usa no episódio *Il Lavoro* três modelos de uma velha amiga de Visconti, Coco Chanel. A tesourada em Monicelli foi insensata: afinal, se não era tão célebre quanto os seus camaradas de realização, tinha a popularidade de ter sido o realizador oficial de Totò e realizara vários filmes de êxito. Como a fórmula acabou por ser contemplada com o perfume do sucesso, **Boccaccio 70** reacendeu o interesses pelos filmes em episódios, uma das marcas do cinema europeu dos anos 60, sobretudo em França e em Itália, filmes que reuniam colectivos de realizadores de altíssimo prestígio, como Godard, Chabrol, Rossellini, Pasolini, Demy, Polanski, Rohmer.

Boccaccio 70 não gerou a unanimidade da crítica. Entre outros mimos dele se escreveu com todas as letras que era um naco de comercialismo revelador do niilismo moral e intelectual dos seus actores. Valha a verdade foram mais as nozes do que as vozes: a classificação é precipitada e bastante discutível. O sarcasmo de Fellini, a amargura de Visconti e a esperança de Monicelli e De Sica não se confundem, para não dizer que desnudentem, qualquer acusação de niilismo.

Em **Renzo e Luciana**, Monicelli é o único dos quatro realizadores a não utilizar vedetas. Trabalha com aspirantes a actores ou amadores (Germano Giglioli, por exemplo, era porteiro de um hotel e não faria carreira). Monicelli está perfeitamente à vontade na mistura de realismo (todas as passagens da vida do casal, em casa dos pais dela) e sátira, como nas passagens com o prepotente chefe de pessoal da fábrica. O seu episódio reúne assim dois elementos do cinema italiano, que no começo dos anos 60 ainda estavam vivos: o olhar caloroso sobre as classes desfavorecidas, embora já não mais miseráveis ou desesperançadas, e a comédia, com o *gag* sobre a ida ao dentista, que poderia fazer parte de um filme de Totò.

Não houve muitos críticos, num tempo que estava cheios deles, a considerar **A Tentação do Dr. António**, o episódio realizado por Fellini, como um momento marcante da carreira do seu autor. Nele está bem inscrita, no entanto, a marca felliniana: quer pelo tom polémico do tema, o do moralismo puritano, quer pelo conseguido ritmo de construção, no qual cor, fotografia e banda sonora se aliam para formar, com os desenhos movimentos da câmara, um todo saboroso.

Peppino De Filippo incarna neste episódio a figura do Dr. António, um moralista exacerbado, a quem o menor indício de erotismo provoca o pânico e a fúria. O objecto preferencial dos seus ataques é um enorme cartaz publicitário, no qual Anita Ekberg incita os transeuntes ao consumo de leite. As obsessões do Dr. António acabarão por dar vida à mulher do cartaz que, *"como uma enorme Moby Dick do sexo"* (a expressão é do crítico italiano Lino Micciché), lhe moverá feroz perseguição.

À objecção de que esta personagem de Fellini é extremamente exagerada, quase inverosímil, serve de resposta esta declaração do realizador: *"Quando introduzo nas minhas películas personagens um pouco estranhas, as pessoas dizem que exagero, que faço «fellinadas». Pelo contrário, em relação ao que acontece todos os dias, tenho a sensação de atenuar, de moderar singularmente a realidade"*. O facto é que a realidade acabaria por dar razão a Fellini. Os anos 60 viram proliferar o erotismo na publicidade, gerando fantasmas e delírios com os quais, comparado, esta **Tentação do Dr. António, de Fellini** seria uma pálida amostra.

O terceiro episódio de **Boccaccio 70**, assinado por Luchino Visconti e intitulado **O Trabalho**, inscreve-se num registo mais amargo do que o do episódio de Fellini. Poder-se-ia dizer que a problemática viscontiana da decadência, sempre filtrada através da aristocracia, constitui o fulcro do episódio. Dinheiro e trabalho são o contraponto abstracto dos espantosos cenários da casa do conde Ottavio e de Pupe. Conceitos que vêm corromper a luxo, e a elegância da aristocracia que as personagens representam. Pupe (Romy Schneider) não pode resistir à comparação com as *call-girls* que o marido visita: vai descobrir que o dinheiro reveste tudo aquilo que ela considerava como decorrendo somente da ordem do prazer. A ordem do trabalho passa, pois, a dominar e enquadra, quer as tentativas de Pupe para "fazer versos", quer o seu próprio corpo e o desejo que o anima e que nos outros desperta. O tom libertino com que o *sketch* se inicia vai-se velando a pouco e pouco para se excluir definitivamente no soberbo plano do rosto de Romy Schneider em lágrimas. E as lágrimas de Romy têm e terão sempre razão.

Por fim, temos **A Rifa** e temos, sobretudo, Sophia Loren. Presença fabulosa, oferecida por uma noite como prémio de uma rifa clandestina, de que recorda a cena em que um touro, atraído pela sua blusa vermelha se prepara para a atacar. Sophia, aliás Zoe, despe a blusa e protege atrás do seu corpo uma criança. Sophia e o touro encaram-se e a força animal de ambos grava-se nesse encontro dos olhares da mulher e da besta. Loren é o ponto de equilíbrio desta curta história, apagando (ou dito de outro modo, segurando) a realização de De Sica.

Manuel S. Fonseca